

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

## **As fronteiras entre o campo e a ação. Bourdieu e touraine em perspectiva.**

Rodrigo Leistner.

Cita:

Rodrigo Leistner (2009). *As fronteiras entre o campo e a ação. Bourdieu e touraine em perspectiva. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1678>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# **As fronteiras entre o campo e a ação**

**Bourdieu e touraine  
em perspectiva**

*Rodrigo Leistner*<sup>1</sup>

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho visa promover uma reflexão sobre possíveis relações entre o pensamento de Pierre Bourdieu e de Alain Touraine. Após uma recuperação das “categorias-chave” de acesso às teorias do campo social e dos movimentos sociais, busca-se observar as fronteiras engendradas entre o pensamento de seus autores que, se por uma via designam certas dificuldades de aproximação, talvez por outra descortinem fecundas possibilidades analíticas tanto em relação aos processos de mobilização social, quanto às relações de poder na sociedade contemporânea. A aproximação parte da necessidade de uma construção teórica direcionada a uma investigação sobre as estratégias de legitimação das religiões de matriz africana no Rio Grande do Sul. Nesta perspectiva, este texto compreende alguns acontecimentos concernentes a estas religiosidades como realidades empíricas propícias ao estabelecimento de conexões entre as noções de campo social e ação coletiva.

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais UNISINOS / RS. Endereço Eletrônico: rodrigoless@yahoo.com.br

As religiões de matriz africana podem ser compreendidas como o conjunto de religiosidades derivadas das religiões da África negra, chegadas à América a partir da diáspora africana e estabelecidas em solo brasileiro, sobretudo a partir das tradições Iorubas. Percorrendo uma trajetória permeada por preconceitos, representações estereotipadas, e concretas situações conflituosas em que esteve envolvida, a temática da religiosidade africanista em solo brasileiro oportuniza a reflexão de questões que superam o enfoque puramente religioso. Possibilita a observação de lutas por reconhecimento, projeção e ocupação do espaço público. Fatos que exemplificam algumas circunstâncias de conflito relacionadas a estas religiões designam a “polêmica do sacrifício de animais” ocorrida em Porto Alegre, no ano de 2004. Nesta ocasião, as práticas rituais africanistas foram colocadas sob uma “calorosa” discussão, devido a um novo código estadual de proteção animal, aprovado em 2003, que dificultaria a prática da sacralização de animais nestes cultos. O processo causou polêmica, demandando das comunidades religiosas mencionadas iniciativas de legitimação dos cultos. Neste sentido, observou-se o surgimento de novas federações afro-religiosas, bem como a promoção de protestos e manifestações de uma instância religiosa historicamente destituída de rígidos vínculos associativos. Na seqüência deste processo, emendas complementares a estas Leis foram aprovadas no sentido de garantir a liberdade de culto religioso, em acordo com garantias constitucionais.

No entanto, salienta-se o fato de que tal Lei fora proposta por um parlamentar de origem evangélica, engendrando um conflito de ordem religiosa por um lado, entre africanistas e evangélicos, e de ordem cultural por outro, entre africanistas e ambientalistas<sup>2</sup>. Desta maneira, visando compreender as estratégias de articulação e legitimação das religiosidades mencionadas, nestas “insólitas” situações, buscou-se uma aproximação das teorias do campo social bem como dos movimentos sociais. Ratifico que as circunstâncias empíricas referidas não constituem o principal enfoque deste texto, sendo consideradas como um ponto de partida para o estabelecimento do debate teórico proposto: Bourdieu e Touraine em perspectiva.

## **1 TEORIA DO CAMPO SOCIAL: *HABITUS*, CAMPO E CAPITAL SIMBÓLICO**

Uma primeira questão emerge como ponto fundamental para o desenvolvimento das concepções teóricas de Bourdieu (1983), e trata da relação entre agente social e sociedade. A problemática epistemológica que sua praxiologia buscou resolver refere-se ao dualismo inerente às

---

<sup>2</sup> Refiro-me às entidades protetoras de animais que adentraram ao conflito promovendo uma série de protestos e manifestações.

concepções fenomenológicas e objetivistas, que constituíram um histórico debate próprio ao campo científico/filosófico. Na tentativa de dissolver tal antagonismo, Bourdieu (1983) procurou articular dialeticamente o ator e a estrutura social, com base na construção de seu conhecimento praxiológico, numa perspectiva que teria por finalidade não somente as relações objetivas, mas também as relações estruturadas nas quais as primeiras tendem a se atualizar e se reproduzir. A questão fundamental na praxiologia consiste na possibilidade de mediação entre o agente e o social.

Para tal empreendimento, o autor recupera a noção de *habitus* que no pensamento escolástico era concebido como uma espécie de “*modus operandi*”, uma disposição para se agir de determinada maneira. Nesta lógica, a repetição da ação gera certa “conaturabilidade” entre sujeito e objeto. Esta noção é reinterpretada por Bourdieu (1983) no cerne da cisão inerente ao objetivismo e subjetivismo, e entendida como categoria chave para a compreensão da obra do autor. O *habitus* de Bourdieu (1983) conduz a uma idéia de estrutura estruturada que tende a funcionar como estrutura estruturante, ou seja, como um princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser regulamentadas, sem que necessariamente sejam o produto de obediência às regras. O *habitus* tende a orientar a ação. Na medida em que ele é produto das relações sociais, tende a assegurar a reprodução das mesmas relações objetivas que o engendram. Funciona como uma força conservadora no interior da ordem social. Compreende certas disposições adquiridas e internalizadas que influenciam a ação do sujeito. É uma conexão e ao mesmo tempo um rechaço, tanto a Weber quanto a Durkheim, pois a ação se exerce por um lado estruturada, sem que disto decorra uma obediência às regras, e por outro estruturante, sem que haja a pretensão consciente e racionalizada das metas a serem atingidas.

Por outro lado, se a composição do conceito de *habitus* também se origina a partir do debate crítico junto à obra de Weber, na figura de objeção ao cálculo racional que não considera a multiplicidade de situações que podem incidir sobre tal racionalidade, é necessário afirmar que a construção de outro conceito fundamental também é cunhada no diálogo com as concepções weberianas. Refiro-me a noção de campo social, que segundo o próprio Bourdieu (1990: p. 35), surge em razão dos comentários sobre a sociologia religiosa de Weber, e também no interesse pela variabilidade de aspectos que constituem a realidade, projetando uma espécie de “pluralidade de mundos” cuja existência pressupõe a investigação sobre a variedade de lógicas a eles correspondentes<sup>3</sup>. Com base nesta pluralidade, Bourdieu (1989: p. 133) propõe a representação do

---

<sup>3</sup> Ver Bourdieu (1990: p. 34).

mundo social na forma de um espaço com várias dimensões, constituído por certas propriedades que configuram princípios de diferenciação, cujo detentor conceberá determinado poder ou força neste relativo universo. Os agentes, ou grupos que compõem tal espaço possuem posições relativas. Cada qual se encontra numa posição e, as propriedades que constroem esta dimensão são atuantes, projetando-a como um campo de forças, um conjunto de forças objetivas impostas a todos que nela adentram. Estas propriedades designam as diferentes espécies de poder, ou “capital”, que acabam por designar o motivo de disputa interna deste espaço. Nesta perspectiva, se o mundo social é representado pelo espaço social, este, pode ser decomposto em um somatório de campos.

Em síntese, denomina-se como “campo”, o ambiente no qual as posições dos agentes são constituídas a partir de disputas. É o lugar em que se trava a luta concorrencial entre os atores em torno dos interesses específicos que caracterizam a área em questão. O campo surge como uma configuração das relações socialmente distribuídas a partir da distribuição das diversas formas de capital. O capital traduz o motivo pelo qual os grupos entram em conflito dentro de um determinado campo, e pode ser caracterizado em três dimensões principais: o capital material, correspondente aos aspectos concretos, financeiros; o capital social, relativo às trajetórias familiares e ao parentesco; o capital simbólico, que compreende um formato mais abstrato e portanto aplicável aos diversos campos e motivos de disputas. Como exemplo, o capital simbólico do campo religioso pode ser reinterpretado na dimensão do número de fiéis. O capital político, como a base eleitoral e assim por diante. Na visão de Bourdieu (1989; 1990), para compreender um determinado campo se faz necessário o entendimento da lógica própria de seu funcionamento e, desta forma, evidencia-se aquilo que se encontra em disputa. Para tanto, é necessário reconstituir a história deste campo, sua gênese<sup>4</sup>.

## **2 TEORIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS: INDIVÍDUO, SUJEITO E ATOR**

Se no item anterior observamos que as premissas epistemológicas de Bourdieu (1983) tencionavam a ultrapassagem da dicotômica relação entre objetivismo e fenomenologia, é possível inferir que em Alain Touraine, ao menos em grande parte de sua produção intelectual<sup>5</sup>, esta clássica oposição não lhe desperta possibilidade de articulação entre as duas correntes. Conforme afiançou Gohn (2000), a perspectiva teórica do autor se desenvolveu a partir do que se denominou comumente como paradigma acionalista. Neste sentido, há que se considerar aqui as diferentes

---

<sup>4</sup> A aplicação destes conceitos pode ser verificada no estudo próprio do campo religioso, em *A Economia das Trocas Simbólicas* (1974).

<sup>5</sup> Sobretudo no pós 1968, a partir do paradigma dos *novos movimentos sociais*.

etapas da obra de Touraine, na qual a divisão em três períodos parece uma forma assertiva de mapeamento. Se num primeiro instante seu trabalho concentrou atenção nos estudos sobre o operariado ainda centrados na sociedade industrial, a partir das transformações culturais do final dos anos 1960, bem como dos acontecimentos do maio de 1968, sua produção deslocou-se para a observação da ação social de outros grupos e processos sociais: para a atenção aos novos movimentos sociais. No terceiro período, que compreende sua obra mais tardia, o autor confere ênfase na teorização do sujeito. Este, no período pós-industrial, na era da comunicação de massa e dos processos globalizantes, torna-se uma forma social cada vez mais centrada num caráter “não social” e resistente aos processos do poder social <sup>6</sup>.

A noção de ator torna-se de fundamental importância para compreender a teoria de Touraine (1977). Segundo ele, o ator (individual/coletivo) é concebido como o agente dinâmico que produz demandas e reivindicações, não possuindo posição fixada aprioristicamente num sistema de produção. As disputas pelas quais o ator se mobiliza podem ser travadas em torno de questões culturais, valores e concepções de mundo. Neste sentido, a sociedade “se produz” com base na emergência e atuação dos movimentos sociais. Estes, configuram a ação de um ator coletivo que projeta sua reivindicação estabelecida em oposição a um adversário. Nesta perspectiva existem, em qualquer sociedade, questões culturais comuns às quais acabam compondo o que Touraine (1977) classifica como sistema de ação histórica. É exatamente sobre o controle social deste sistema que se engendram os conflitos e as movimentações que acabarão por atuar no processo de construção do mundo social que, de forma reiterada, se produz por ele mesmo. Daí se compreende a importância relegada por Touraine ao estudo dos movimentos sociais uma vez que em sua compreensão, estes designam as ações sobre as quais se projeta a construção do mundo social. Segundo ele, não se deve tomar a sociedade simplesmente por suas formas de organização, suas normas, mas a partir do resultado dos conflitos que se formam entre as classes e forças sociais que delas derivam. Os atores são os principais agentes destes processos. O movimento social (TOURAINÉ, 1977: p. 283), é a resultante de uma ação conflitiva, a qual se trava a partir da pretensão de controle do sistema de ação histórica.

Importante ressaltar o fato de que nem toda a ação coletiva refere compatibilidade com este quadro teórico. Desta forma, Touraine (1977) distingue quatro espécies de condutas coletivas, dentre as quais três delas não configuram características próprias do movimento social. O que é definido como “condutas de crise organizacional”, projeta as ações reivindicativas promovidas no

---

<sup>6</sup> Como em *Poderemos viver juntos?* (1998).

interior de uma organização, numa relação na qual tal ação acaba por tornar-se prisioneira do contexto organizacional. Nesta situação, o ator não pressupõe ultrapassar os limites da reivindicação, menos ainda a supressão de tal organização uma vez que tal realidade voltar-se-ia contra o próprio ator, como na questão do operário que negocia, pressiona melhores condições, ao mesmo tempo em que necessita de seu emprego. Um segundo tipo de ação remonta às “tensões institucionais”, que representam a ação do ator baseada numa possibilidade de pressão sobre certas decisões deferidas pelo sistema institucional em relação às organizações. Neste quadro, o ator apenas pressiona, negocia e objetiva influenciar ou impor a ordem dos acontecimentos. Uma greve, não se constitui em movimento social, pois apenas reivindica uma negociação. Como característica, *“sua ação é muito mais política do que social”* (TOURAINÉ, 1977: p. 287). O terceiro formato de ação corresponde aos “protestos modernizantes”, que revelam uma luta contra o passado, a favor de uma readequação ao contexto do período vivido. Ainda que tais formatos de ação comportem lutas por determinados projetos, os mesmos não presumem o controle do sistema de ação histórica. Não existe maior ruptura. Não há adversário nítido.

O que caracteriza de fato um movimento social designa a combinação de alguns elementos, com ponto de referência nas noções de ator, seu adversário e os motivos do conflito - aquilo que se descortina como objetivo da luta, da ação. Importante destacar que a interpretação do movimento social sugere a observação de três elementos básicos: a identidade, a oposição e a totalidade. No que se refere à identidade, ela designa a maneira como o ator ou grupo se identifica e, logicamente tal identificação remete ao princípio de oposição, ou seja, o outro, o adversário. O princípio da identidade conduz à definição que o ator constrói sobre si mesmo e, a organização do movimento social só é possível segundo a consciência desta definição, ainda que ele possa formar-se anteriormente a este caráter consciente. Desta maneira, é a situação conflitiva e o estabelecimento de um adversário, que constitui o princípio de oposição, que atuam na construção do ator e de sua lógica identitária: *“a identidade do ator não pode ser definida independentemente do conflito real com o adversário e do reconhecimento do objetivo da luta”* (TOURAINÉ, 1977: p. 292). Estes dois elementos, ou princípios, relacionam-se na forma de um movimento que envolve o princípio de “totalidade”, que assenta aquilo que está em jogo e que é dimensionado a partir da soma dos projetos individuais e coletivos. Mais especificamente, o princípio de totalidade relaciona-se ao sistema de ação histórica, campo social e cultural de desenvolvimento, cujos atores - situados na dupla dialética de classes - lutam por sua apropriação. A noção de dupla dialética de classes compõe um quadro de relações entre as classes superior, que gesta o modelo cultural vigente e organiza a sociedade, e a classe popular, que

pode reivindicar, contestar o sistema de ação histórica conectado aos interesses da ideologia dominante.

Fica expressa na concepção do autor, a preponderância da ação do ator e do sujeito na construção do mundo social. E nesta lógica, Touraine (1977) propõe que a sociedade deve ser compreendida a partir dos contextos das relações ao invés da observação das instituições. Da mesma maneira, para se compreender os movimentos sociais, se em uma das vias deve-se atentar para o quadro de relações que configura o campo de ação histórica, a outra direção remete à observação da transformação do indivíduo em sujeito, e do sujeito em ator. Para Touraine (2001; 1999), o indivíduo é uma unidade, portadora de direitos civis, que se transforma em sujeito à medida que se reconhece como portador de tais direitos. A partir de então, como sujeito, nos processos dialógicos com outros sujeitos, se engendram processos de construção identitária, formação e articulação de grupos, e desta maneira transporta-se à dimensão do ator, envolvido em ações políticas no campo da cultura, das concepções e visões de mundo.

Em seu pensamento mais tardio, Touraine (1999) propõe uma reavaliação da noção de sujeito, definindo como sua compreensão de modernidade a histórica relação – carregada de tensões – entre razão e sujeito. Para o autor, o aumento do individualismo que a idéia de modernidade carregou consigo não significou a liberdade propalada pelo ideário iluminista, na medida em que o debate entre objetividade e subjetividade, contaminado pelas odes ao racionalismo, suprimiu as possibilidades de subjetivação reprimindo a emergência do sujeito. A partir das transformações do mundo contemporâneo, como o aumento da fragmentação, massificação da comunicação e disseminação do consumo exacerbado, bem como do declínio de todos os princípios unificadores da vida social, como o Estado ou o mercado, o retorno do sujeito se efetua. O sujeito de Touraine (1999) não é a presença do universal no “nós”, mas o apelo a transformação do “si - mesmo” em ator, que se inicia no processo de subjetivação, com base na penetração do sujeito no indivíduo, e em sua parcial transformação de indivíduo à sujeito. Ao tratar o sujeito como a construção do indivíduo como ator Touraine (1999: p. 248) admite a difícil separação do indivíduo em relação à situação social, mas, no entanto, afirma ser necessário opor este indivíduo consumidor de normas ao indivíduo produtor das mudanças, da vida social.

### 3 FRONTEIRAS E POSSIBILIDADES

#### 3.1 *HABITUS* X SUJEITO

Considero que uma das principais dificuldades na aproximação entre as teorias do campo social e dos movimentos sociais residam de forma contundente no cotejo entre as noções de *habitus*, de Bourdieu, bem como de sujeito, de Touraine. Em Touraine (2001), o sujeito é a própria expressão da emergência da ação. Constitui a possibilidade de liberdade do indivíduo, com base no processo de subjetivação. O sujeito é o sopro na consciência do indivíduo, que desta forma se torna ator, reivindicador e produtor da sociedade. O sujeito é a chave que possibilita a independência do ser, sua recusa à opressão da estrutura. Este deslocamento que promove o processo de subjetivação é o que deve ser priorizado. Como na própria idéia de Touraine (2001: p. 35), o conteúdo social que o sujeito recebe deve vir depois. Do contrário, sua capacidade expressiva estará comprometida: “*Todos estamos empenhados, positiva ou negativamente, na construção ou destruição de nós mesmos como sujeitos, em todos os aspectos da nossa vida. O que está em jogo em todo o nosso tipo de sociedade é a criação e a destruição do indivíduo*” (TOURAINÉ, 2001: p. 37).

Neste sentido, torna-se complexo conciliar sua teoria quando colocada em perspectiva com Bourdieu (1989), na medida em que o social incorporado que revela o *habitus* vai de encontro a esta liberdade do sujeito criativo. Evidente que a possibilidade de alienação está presente em Touraine, contudo, é a possibilidade de expressão mais liberta que lhe interessa. O que já não se processa de forma tão “livre” em Bourdieu. Segundo este (1989: p. 22), na contemporaneidade todos querem se situar no ponto de vista dos agentes e transforma-los em calculadores racionais<sup>7</sup>. Porém, as condutas podem ser orientadas a determinados fins sem ser conscientemente dirigidas a estes fins.

O choque que resulta desta incompatibilidade analítica designa os seguintes axiomas: a visão de Touraine propicia a observação das “emergências criativas”, acionalistas, no mesmo tom que não se atém, em sentido mais estrito, aos sistemas de dominação, concorrência e competição interna a um determinado campo de atividade; o enfoque de Bourdieu revelaria uma potencial ferramenta para a desconstrução destes processos de dominação, mas matizaria o “despertar mobilizador” dos indivíduos.

---

<sup>7</sup> Este aspecto da racionalidade deve ser relativizado em Touraine, uma vez que a mesma confunde-se com a própria noção de *dessubjetivação*.

### 3.2 NECESSIDADES E POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO

Faz-se necessário afirmar, porém, que se tais incompatibilidades existem, também é porque revelam como ênfase aspectos que em cada teoria receberam melhor tratamento. Se as disputas por definição da realidade amarradas em lógicas de dominação são mais visíveis em Bourdieu, é porque tal aparato torna-se lente apropriada para tal situação. O inverso também é assertivo, em relação à Touraine, no caso das mobilizações coletivas. E aqui reside o impasse. Na medida em que as complexidades da sociedade contemporânea apontam uma série de possibilidades insólitas, contraditórias, exemplificadas em processos de pertencimento que cada vez mais se apresentam “sobrepostos”, como na formação de grupos e agentes constituídos por lógicas internas transpassadas por diversos campos, unir “campo” e “ação” pode designar uma importante readequação teórica.

A busca por esta “readequação” foi proposta com base na investigação sobre os processos de articulação e legitimação das religiões de matriz africana no Rio Grande do Sul, sendo então considerada de acordo com a realidade empírica encontrada na pesquisa, a saber: as religiosidades africanistas em conflito ora com outros segmentos religiosos, ora com os setores ambientalistas. Desta forma, entendo que a compreensão dos formatos associativos e mecanismos de aglutinação encontrados pelos membros destas religiões não encontram planificação adequada somente junto aos estudos do campo religioso. Engendra-se a necessidade de recuperações teóricas que abarquem tanto a emergência da ação social, quanto os conflitos típicos da “fragmentada” sociedade civil contemporânea, na qual as disputas por projeção e reconhecimento encontram-se muitas vezes estabelecidas entre categorias aparentemente antagônicas (caso da oposição entre religiões de matriz africana e ambientalistas). Noutro sentido, a teoria do campo social permitiu o enquadramento dos grupos em disputa de acordo com as lógicas de pertencimento nos diferentes campos de atividade em que estas religiosidades se inserem. Assim, nos confrontos entre africanistas e evangélicos (campo religioso), ou africanistas e ambientalistas (campo cultural), ou ainda nos próprios conflitos “endógenos” do campo africanista (entre as unidades de culto), a noção teórica de campo torna-se essencial.

## CONCLUSÃO

Insólitas situações e complexos objetos de investigação demandam a construção de determinados arranjos no plano teórico. Creio que a aproximação de Bourdieu e Touraine contém muitos pontos de afastamento, sobretudo porque não comportam conceitos complementares. Pensando metaforicamente num filme fotográfico, o *habitus* não se projeta como complementar por que oferece as dimensões positivo e negativo. Está orientado desde seu desenvolvimento a “resolver a questão”, ainda que tal resolução não facilite sua observação por todos os ângulos. O sujeito, em Touraine, demonstra-se como lente apropriada para reflexões acerca da emergência da ação coletiva, da criatividade e da independência do ser humano. No entanto, não destina atenção de forma mais profunda às relações de poder específicas dos mais diferentes campos de atuação, através dos quais a realidade social se decompõe.

Creio que quaisquer aproximações, dentre as correntes tratadas neste texto, possam ser operacionalizadas a partir de uma espécie de equalizador, através do qual se regulam todos os níveis em desajuste. Os parâmetros para tal ajuste só podem ser obtidos de acordo com a situação empírica observável em cada caso, numa relação na qual o declive à cilada da arbitrariedade pode ser fácil, mas não impossível de ser evitada. A equalização a que refiro, trata exatamente da observação dos pontos fortes e fracos, ou propícios e não adequados – em direta relação com o objeto de pesquisa - de cada proposta, aplicados a cada dimensão das realidades observadas.

## Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
  
- **Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.
  
- **Pierre Bourdieu**: sociologia. In: ORTIZ, Renato. (Org.) São Paulo: Ática (Coleção Grandes cientistas sociais), 1983.
  
- **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
  
- GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais**; paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 2000.
  
- TOURAINE, Alain; KHOSROKHAVAR, Farhad. **A Procura de Si**: diálogo sobre o sujeito. Lisboa: Instituto Piaget (Coleção Epistemologia e Sociedade), 2001.
  
- TOURAINE, Alain. Os Movimentos Sociais. In: FORACCHI, Marialice Mencarine; MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade**: leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 1977.
  
- \_\_\_\_\_. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.
  
- \_\_\_\_\_. **Poderemos Viver Juntos?** Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.